

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1085
 GUIMARÃES, 2 de Novembro de 1952
 Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-V Tel., 4818
 Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4581
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VÁRIA

À Morte

Dê-me licença, Senhora Dona: é um simples mortal que a interpela, neste dia comemorativo da sua obra... Sim, com o respeito devido — e tanto que me está a fugir o tratá-la por Madrinha, assistente como foi, se não até mesmo parteira, na minha entrada na vida —, mas sem temor. Assim como os novos, inebriados pelo delicioso sonho audaz da mocidade, a desafiam altivos, assim nós, os velhos, a quem a Senhora aos poucos foi consumindo, aguardamos resignados a sua caridosa visita.

Se venho como inimigo?... Também não. A sua obra é piedosa, muitas vezes benemérita e sempre libertadora, que o duro e áspero fardo da vida, amaldiçoado e sentenciado à nascença, é cada vez mais custoso de levar... até às portas do necrotério. A Senhora é a única Paz verdadeira. Não conhece a fome, nem a sede, nem a pobreza, a miséria, o sofrimento, a injustiça, a angústia, o bem nem o mal. E' o silêncio, o não sofrimento. Já vê... Bem, a Senhora bem o sabe: se a vida anda há muito dementada no homem, como imunizar a Morte, que nasceu cega, surda e louca? Menina mimada, filha única de pais incógnitos — a Morte é filha da vida ou a vida filha da Morte? —, rica de todo o Universo, estouvada, cruel, milionária, déspota e faminta, a Senhora entra, sai e passa, salta e corre às tonas, sem piedade... e sem juízo. Pode gabar-se, lá isso pode, de ser a única pessoa em todo o mundo que faz o que lhe apetece, como e quando lhe apetece, sem ter de dar satisfações a ninguém.

Não se zangue. Se me não queria ouvir, estava em sua mão o calar-me. Que eu não vim para confrontar a lista enorme dos seus benefícios com a terrível e imensa lista das suas crueldades, torpezas, traições e até negros crimes. Então a quê? Vai admirar-se, se algo a pode admirar. A dar-lhe pêsames. O quê? Sim, pêsames. A Senhora tanto matou a Vida que a Vida se prepara para a matar. Para a matar a si, Senhora Morte. Olhe que nos livros já se profetiza que isto vai acabar em suicídio colectivo ou assassinato colectivo. Os homens empurram-se, estendem as mãos e diligentemente procuram esse fim. Nesse dia — é a sua Hora Grande, a hora do seu Domínio Absoluto, a hora... da sua Morte.

*

O livro do Padre Roriz

Uma boa notícia. Logo na segunda-feira, um simpático moço das Oficinas de S. José, que, no correr desta obra se tem provado inteligente e activo, procurou-me para entregar mais uma folha composta e impressa (pelo que vamos em 288 páginas) e dizer que, terminada outra tarefa interposta pela urgência, o trabalho ia prosseguindo a ritmo certo. Com muita satisfação o registo. E logo que terminada

FESTAS E ARTE

Não consta do plano de actividades mas verifica-se pelas bases do orçamento municipal de 1953 que para festas comemorativas do centenário da cidade a Câmara destina 300 contos e ainda mais 150 para propaganda, publicações, solenidades e outras festas. Isto em síntese significa uma previsão desde já de 450 contos para serem gastos em pouco mais do que luminárias e foguetes num orçamento de 6.700 contos em que para serviços de higiene e limpeza se destinam apenas 530 contos, para melhoramentos nas freguesias (vias de comunicação, fontenários, lavadouros e cemitérios), 600, — não chega a 10 contos por freguesia —, reparação de largos, praças e ruas, 200, e instrução, 115.

Para quem queira atender à necessidade de se acudir aos caminhos das nossas aldeias, aos serviços de higiene e limpeza da cidade e a tantas outras deficiências públicas a que a administração municipal cumpre remediar, a verba de 450 contos para festas deve parecer exagerada.

Isto pelo que está desde já orçamentado; porque, se acrescentássemos à verba de 450 contos a que nos estamos referindo a de 300, do plano de actividades, para um campo de jogos, o que não seria afastarmo-nos sensivelmente do rigor da rubrica, a verba total de 750 contos seria muito mais impressionante.

Não somos, em princípio, contra as luminárias; sabemos que é conveniente distrair o povo, chamar os forasteiros e que são respeitáveis os interesses do comércio, embora muito restrito, que com a afluência de visitantes aproveita. Mas nem sempre o que é bom em absoluto coincide com o que seja admissível e defensável, considerado relativamente.

Se as mais instantes necessidades do concelho estivessem todas de um modo regular e eficiente atendidas, e sobrasse no orçamento uma verba para o supérfluo, nada teríamos a observar quando esse saldo fosse aplicado em festas; simplesmente poderíamos discutir o que dentro da rubrica — festas — seria mais útil ou conveniente para o público. E é provável que em primeiro lugar e de preferência às luminárias nos ocorresse, por exemplo, a aplicação de umas dezenas de contos para pagar a uma filarmónica que se fizesse ouvir semanalmente, a horas adequadas, no jardim público e à organização de concertos sinfónicos populares no teatro em determinadas épocas do ano, bem como a subsídios ou prémios para a organização de festas e danças nas freguesias rurais que oportunamente viessem exibir-se numa das praças públicas da cidade, à compita umas com outras. Poderíamos pormenorizar, se fosse agora caso disso, as vantagens que sobre os foguetes teriam, no desenvolvimento da cultura artística do nosso povo, pasatemplos desta natureza.

seja esta parte do livro aqui mesmo o direi aos interessados.

Voltando, porém, aos 450 contos do orçamento para 1953 que nos parece constituírem verba elevada para as possibilidades camarárias de um município que por vezes deixa em atraso durante semanas o pagamento dos salários dos seus calceteiros e jornaleiros, diremos que, todavia, se nos afigura diminuta para o programa que se esboça da comemoração do centenário.

Por quanto ficará a exposição industrial em que se fala?

Já dissemos num artigo anterior que discordávamos de uma exposição industrial como número de festa comemorativa do centenário da cidade, visto que o desenvolvimento da indústria do concelho nada tem com a elevação da sua sede à categoria cidadina. E não nos convence a pretensão que surge à última hora de se justificar essa exposição atribuindo-lhe artificialmente o intuito de celebrar a cidade industrial. A indústria do concelho de Guimarães é demasiado grande para que possa ser ofuscada pela da sua sede.

As honras de cidade concedidas a uma povoação não se justificam pelo desenvolvimento da sua indústria, embora esta não seja elemento inatendível para a elevação do seu conceito. O que, principalmente, dá a uma vila direitos de cidade é o conforto, a sanidade, a solução perfeita e superior do seu urbanismo, a elevação e distinção dos meios facultados aos seus habitantes para se instruírem, educarem e desenvolverem as suas actividades intelectuais e morais. Tudo quanto concorra para mostrar que o progresso de Guimarães tem sido ou vai ser orientado neste sentido é que nos parece adequado para comemorar e justificar o decreto centenário que lhe deu foros de cidade.

Por isso preconizamos, simplesmente a título de exemplo, além de outros cometimentos de excepcional importância, a inauguração a sério das obras de saneamento, a criação de um Instituto Municipal de Instrução Secundária para o ensino do 6.º e 7.º ano dos liceus e a montagem de uma central distribuidora de leite puro ao público.

A exposição industrial fica muito cara, os 450 contos não chegam e é, praticamente, inútil. A indústria, como já está dito e redito por outros, que não por nós, nada lucra; não tem necessidade de expor os seus produtos por esse modo para os colocar; apresenta-os permanentemente em todo o país por intermédio dos seus agentes.

Da exposição apenas resultaria, portanto, a satisfação do brio vimezanense em tornar conhecido de uma minoria de ignorantes o quanto e bem se trabalha neste nosso concelho. A realização desse propósito melhor se atingiria, porém, se lembrássemos aos nossos industriais a conveniência de marcarem os seus produtos, semelhantemente ao que se pratica na cutelaria, com a legenda «Indústria de Guimarães»; assim o consumidor dos artigos aqui fabricados saberia sempre que eles

Conclui na 2ª página.

Só ela, não O CENTENÁRIO DA CIDADE

Por AURORA JARDIM

Toda a gente quer o Verão para gozar. Só ela, não. Porque o Verão é solidão.

Ele vai aqui e além para longe do seu sentir. Rouba-lhe a presença nesse ir e vir que não pára. E onde ela não está.

Porque ela fica de braços vazios e saudade a roer.

Toda a gente quer o Verão.

Só ela, não.

Visitantes ilustres

Na passada terça-feira estiveram nesta cidade, de visita aos seus principais monumentos, Suas A. A. a Infanta Dona Mariana de Bragança, Princesa de Thurn e Taxis e o Príncipe Carlos Augusto de Thurn e Taxis, acompanhados pelos srs. Condes de Campo-Belo.

Passaram o resto da tarde na Casa de Carvalho d'Arca, onde foram esperados pela sr.ª D. Vera de Castelbranco Machado de Paiva Brandão e seu marido o sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

A sessão de Guimarães do

Curso das Semanas Sociais

No Salão nobre da Sociedade Martins Sarmento que se via repleto de uma assistência distinta, entre a qual se viam os srs. Arcebispos de Braga e Mitilene e Bispos de Evora, Bragança e Miranda, Governador Civil de Braga, Presidentes das Câmaras Municipais de Guimarães e Braga, Deputado Dr. Alberto Cruz e outras altas individualidades, assim como muitas senhoras, realizou-se na noite de quarta-feira a sessão de estudos do IV Curso das Semanas Sociais, que decorreu com extraordinário brilho.

Presidiu S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Evora, que tinha à direita os srs. Governador Civil, Major Nery Teixeira; Dr. João Porto e Dr. Américo Pires de Lima e à esquerda os srs. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Dr. Augusto Ferreira da Cunha; Presidente da S. M. S., Coronel Mário Cardoso e Dr. Feliciano Ramos.

Em lugares especiais encontravam-se os Prelados. A primeira pessoa a usar da palavra foi o Presidente da S. M. S. que quis pronunciar — disse — duas palavras para saudar e agradecer às entidades presentes a presença naquela Sociedade e a escolha do seu salão nobre para a realização daquela sessão.

Falou em seguida o sr. Presidente da Câmara que saudou os altos dignitários da Igreja ali presentes, assim como todos os que participam nos trabalhos das Semanas Sociais, cujos benefícios salientou. O orador saudou ainda os srs. Governador Civil e Dr. Feliciano Ramos e Américo Pires de Lima, e fez votos pelo êxito do IV Curso das Semanas Sociais.

Falou ainda o sr. Arcebispo de Evora, que se referiu largamente à personalidade dos oradores do dia, que considerou dois altos valores da cultura nacional, como pensadores e como escritores e falou dos objectivos e oportunidade das Semanas Sociais.

Seguidamente o sr. Dr. Feliciano Ramos deu início ao seu trabalho sobre Educação e Escola, falando depois o sr. Dr. Américo Pires de Lima, que subordinou a sua tese ao tema Educação Profissional. Ambos os oradores foram ouvi-

Colocamos em primeiro lugar, em lugar de honra, o certame expositivo, porque ele patenteará a nossa razão de ser económica adentro da vida moderna.

A economia não afronta a vida do Espírito.

As demais manifestações do povo vimezanense virão à celebração centenária.

A actuação da vida municipal, a bibliografia, os serões de arte, as conferências, os cortejos, as festas, tudo tem seu lugar no programa geral da celebração centenária.

Ao alto, porém, de todo o rumor flamante, renascente, da data cronológica do Centenário, tem de colocar-se a Exposição Industrial.

Por ela diremos ao País quem somos, o que valem, para onde vamos.

Tudo o mais, virá por acréscimo.

Só assim nos podemos habilitar a ir bater à porta do Ministério da Economia — para lhe dizermos que precisamos da sua ajuda.

Se é certo que este departamento do Estado só, em regra, se pronuncia em Exposições de extensão nacional, nem por isso o certame de Guimarães está fora do âmbito que visa essa colaboração.

O concelho de Guimarães é no mapa geral dos concelhos territoriais do País, no plano industrial — um dos que vai na dianteira!

Não será, pois, ilógico, desaceratado, que até nós venha a ajuda do Ministério da Economia, tal como inteligentemente usa praticar com os certames de amplitude nacional.

Essas galerias do trabalho nacional que junto do Mosteiro dos Jerónimos, na capital da República, se hão realizado com desvanecido orgulho patriótico, têm merecido uma notável ajuda do Governo.

Se assim não fosse, ficaria muito à quem o impulso da Associação Industrial Portuguesa que esses certames realiza.

E' certo que nesses panoramas demonstrativos do valor económico da Nação, a ideia de unidade mais requeria a presença do Governo.

Não obstante, há zonas de influência industrial que, por si, patenteiam um valor excepcional a considerar.

E Guimarães é um dos concelhos no País que, exuberantemente, comprova esse valor excepcional.

Os padrões do rendimento tributário, comprovam-no!

Quando, pois, o Estado, em sensata política de realizações económicas, anima a realização de certames industriais em Lisboa — por que não há-de voltar-se para esta zona provincial?

Guimarães é um Concelho que nem sequer é cabeça de Distrito. Sabemos.

dos com o mais vivo interesse e demoradamente aplaudidos ao terminarem a leitura dos seus importantes trabalhos.

O Senhor D. Manuel da Conceição, Arcebispo de Evora, encerrou a sessão com palavras de muito louvor para os conferentes e de congratulação pelo brilho que atingiu a sessão de Guimarães.

A EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL

Mas que importa esse por menor de jurisdição administrativa, se Guimarães, no ponto de vista da actividade industrial, vai à frente de todos os concelhos do distrito?

Mais ainda: Na história dos certames expositivos, foi Guimarães quem primeiro realizou no País, em 1884, uma exposição de puro carácter concelhio!

E essa exposição, que o notável historiador e economista Vimezanense Alberto Sampaio concebeu e levou a cabo, não representou um cometimento de força, voluntarioso, pois constituiu uma revelação do valor industrial de Guimarães. De tal magnitude que levou o poder central a alterar as suas estatísticas oficiais, erradas quanto à importância do trabalho vimezanense.

Por sua vez o critério oficial modificou-se, quanto à nossa posição no quadro do ensino técnico.

Criou-se, depois da Exposição de 1884, a nossa Escola Industrial.

Ainda na senda rútila desse certame, Emídio Navarro conferiu atenções especiais à escola de Guimarães. O edifício, com características fabris, além do seu propósito de apetrechamento, tudo indicava que se queria distinguir esta terra, correspondendo ao labor da sua grei.

Quis porém o ácido corrosivo da política dos políticos, estragar tudo.

E tudo — quase tudo — se esbarronhou, quanto à política do ensino técnico.

Surgiu a Exposição Concelhia de 1923.

A galeria expositiva das tradicionais oficinas, cedeu o primeiro lugar ao trabalho fabril. A máquina revolucionou tudo!

Guimarães, laborioso, tradicionalmente laborioso, ainda assim não se submergiu, preso à rotina.

Reagiu. E patenteou, em 1923, a virilidade das suas energias económicas, renovadas, renascidas.

Qual será a nossa posição actual?

E' para o saber que vamos realizar a Exposição de 1953. Para tão grande empreendimento carecemos da ajuda do Estado.

Guimarães, no panorama geral do trabalho português, é um padrão!

Fica bem, portanto, ao poder central, que, de certo modo eficaz, norteie, guie este empreendimento.

Por sua vez a própria Associação Industrial Portuguesa, com sede na capital do Império, pode vir a Guimarães orientar os esforços da Exposição.

Pode ser, se tanto quiser, uma como que sua obra!

Na estrutura política da Nação, não há valores isolados. A economia nacional é una.

Se Guimarães é, na antiga frase encomiástica, «a Manchester portuguesa», importa animar as qualidades tradicionais do seu labor.

Neste tentame, cabemos todos.

Tirar deste património de

FOI DEVERAS EXPRESSIVA a Homenagem prestada ao Prior de S. Paio ao completar-se um quarto de século de exemplar vida paroquial

O último domingo foi bem o "Dia da Paróquia", de S. Paio.

O Pároco, vendo completarem-se vinte e cinco anos ininterruptos de apostolado zeloso e fecundo, encontrou à sua volta, em ambiente de mais viva simpatia, de respeito, de veneração, todos os seus paroquianos e, com eles, a cidade de Guimarães.

Uma vez mais a afirmação do quanto o Rev.^{mo} Padre Luís Gonzaga da Fonseca é querido por toda a gente, foi feita e por forma iniludível, eloquente!

Os primeiros actos

As festas comemorativas das Bodas de Prata Paroquiais iniciaram-se com a celebração da Santa Missa, acto que registou enorme afluência de fiéis, estando na capela-mor todas as corporações religiosas da freguesia.

Na altura própria foi distribuída a comunhão a cerca de mil pessoas, em grande parte crianças da catequese, sendo dada depois a bênção eucarística.

Seguidamente e na sacristia do templo, procedeu-se, em cerimónia singela mas expressiva, ao descerramento da placa comemorativa das Bodas de Prata. Houve palmas e flores, sendo o homenageado depois cumprimentado e abraçado por inúmeras pessoas que ali estavam.

riqueza local um melhor quinhão de rendimento, eis o que convém ao País.

A Exposição de 1955 deve ser, convém que seja uma prova real do actual valor do industrialismo vimaranense.

Seremos, com efeito, ainda como no passado, um valor activo e progressivo?

Qual terá sido a nossa linha de evolução?

Em que sentido foi a nossa marcha industrial?

Convém prosseguir, pisar a mesma rota?

Vamos sabê-lo, realizando a Exposição de 1955. A seu par elabore-se o seu Boletim.

Venha o poder central ao alfobre antigo das oficinas—Guimarães—para nos ajudar no grande cometimento patriótico.

Sim, porque se a nossa ufanía, o nosso timbre baírrista proclama ter aqui nascido Portugal, simultaneamente podemos proclamar—terem aqui brotado muitas indústrias!

Não ficamos extáticos na contemplação nobiliárquica. A indústria doméstica do linho e da linha, o trabalho de tanar e curtir couros e peles, a arte ouriveseira, a cutelaria, e tantas outras modalidades do labor, aqui tiveram a sua germinal.

Animados por esse lume vivo das nossas tradições, conciliando os títulos da nossa ascendência fidalga com os pergaminhos do trabalho de tantas gerações esforçadas, vamos realizar em 1953, uma Exposição Industrial—arco-rútilo que servirá para celebrar, com inteligência, o 1.º Centenário da cidade.

Seja este empreendimento como que o renascimento de uma nova vida municipal.

Venha o Governo da Nação pelos seus organismos oficiais colaborar connosco.

Tenha, por assim dizer, nesta esplêndida tarefa, o seu Comissário junto de nós.

Demais...

A província, por vezes, sente-se isolada da Capital.

Tudo é centralização. Terreiro do Paço.

Todos da Córte? Todos da Córte?

Não pode ser, não deve ser! Venha até nós o poder central, ajudando-nos no certame expositivo de 1955.

A obra, é comum!

A bem da Nação!

A. L. DE CARVALHO.

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO com longa prática. Da referências. Carta à redacção.

Os Pobres não foram esquecidos

Por iniciativa da Irmandade de Santo António e em número que estava integrado no programa da celebração, seguiu-se a distribuição, ao Ordem de S. Domingos, de um bodo aos pobres da freguesia, nota simpática que merece ser re-



Um aspecto da assistência à sessão da S. M. S.

gistada, pelo seu significado de veras enternecedor.

Te-Deum em acção de graças

O Te-Deum em acção de graças, a que presidiu o homenageado, foi cantado com grande solenidade, no templo da Misericórdia, às 11,30 horas, tomando parte na cerimónia diversos sacerdotes desta cidade, em número de 15. Junto deles esteve, também, o Rev. Arcipreste.

Na capela-mor viam-se ainda os srs. Presidente da Câmara Municipal, Presidente da Junta de Paróquia de S. Paio, Comandantes da G. N. R. e dos Bombeiros Voluntários, Presidentes da Associação H. dos B. V. do Sindicato N. dos Caixeiros, do Vitória S. C., da Associação Artística Vimaranense e vice-Presidente da Sociedade Martins Sarmento, ou sejam as corporações civis da paróquia; as Mesas da O. T. de S. Domingos e das Irmandades de Santo António, S. Gonçalo e anexas e de N. S. do Rosário e Confraria do SS. Sacramento, todas da paróquia; Mesa da Santa Casa da Misericórdia, Colégios, muitas senhoras e outras individualidades em destaque no meio, de que nos foi impossível tomar nota, assim como a Academia Vimaranense com o seu estandarte, Instituições beneficentes, Escutas, etc., etc.

O templo, repleto de fiéis e ostentando uma luxuosa decoração dos conceituados armadores srs. Eugénio & Novais, resplandecente de luz, oferecia um aspecto de grandiosidade.

No coro, durante o Te-Deum, fez-se ouvir o grupo coral de Santa Cecília, sob a regência do sr. António Guise.

Concluiu a esplendorosa solenidade com a bênção do SS. Sacramento, durante a qual tocaram a marcha de continência os clarins dos Bombeiros.

No final o Rev. P.º Luís Gonzaga voltou a ser abraçado por muitas pessoas que ali foram para esse fim.

Brilhante sessão solene na Sociedade Mart. Sarmento

A merecida consagração pública ao Rev. Pároco de S. Paio, exemplo de raras virtudes, tão sublimes e tão inulgares, que todos os paroquianos lhe tributam a mais arreigada veneração, como se afirmou, teve lugar ao fim da tarde daquele dia, no salão nobre da Sociedade M. Sarmento que, apesar de espaço, se tornou muito pequeno para conter todas as pessoas que desejavam assistir àquela sessão.

Entre a assistência, numerosas e selectas, viam-se muitas senhoras; os representantes das corporações religiosas, culturais, beneficentes, desportivas e mutualistas da freguesia, muitos sacerdotes, médicos, advogados, magistrados, oficiais do exército, professores, industriais, comerciantes, estudantes, etc., etc.

O recinto, com sôbria decoração e profusamente iluminado, oferecia um aspecto grandioso.

A sessão iniciou-se pouco depois da hora marcada, assumindo a pre-

sidência o Presidente da Junta de Paróquia, sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, que tinha à sua direita o homenageado e à esquerda o sr. dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, vice-Presidente da Sociedade Martins Sarmento e ainda os srs. Padre Ferreira de Araújo, Abade da freguesia de Landim, de onde é natural o Rev. Luís Gonzaga e Francisco Pereira Quintas, vice-Prior em exercício da Ordem de S. Domingos.

Viam-se, ainda, em lugares reservados, os oradores da sessão e outras individualidades.

A Orquestra Vimaranense, que abrilhantou aquela solenidade, executou, logo no início, o Hino da Cidade e seguiu-se a entrega, feita por um grupo de meninas, de um formoso ramo de cravos e alguns recitativos, muito formosos, por crianças da catequese.

A menina Maria Cândida Salgado Baptista e o menino Amadeu Ferreira Pinheiro, recitaram, e muito bem, essas lindas poesias.

Foram oradores da sessão os srs. dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, em nome da Sociedade Martins Sarmento, tendo também dirigido saudações ao homenageado, na sua qualidade de Presidente da Câmara e de paroquiano de S. Paio; Professor Mário de Sousa Meneses, Provedor da

Misericórdia; Manuel Alves de Oliveira, Publicista e Advogado Dr. Manuel F. Pinto dos Santos.

Todos os referidos oradores exaltaram a figura, a tantos títulos merecedora da nossa estima, do Rev. Pároco de S. Paio, pondo em merecido destaque as suas altas qualidades, como Homem e Sacerdote, num preito de merecida justiça à sua notável acção de Pastor.

Sentimos que a arrelhiadora falta de espaço não nos permita deixar arquivados nas nossas colunas os discursos que tivemos o prazer de ouvir e que, após terem sido escutados com o mais vivo interesse por um auditório selecto, mereceram deste os mais estrondosos aplausos.

O senhor P.º Luís Gonzaga levantou-se, para agradecer, começando por algumas palavras de profundo respeito aos seus superiores hierárquicos. Depois disse algumas palavras acerca da sua vida para Guimarães e teve para os seus paroquianos e para os vimaranenses expressões da maior estima e apreço, terminando por agradecer às Corporações Religiosas da Freguesia aquela manifestação de agrado, assim como a todos quantos para ela trabalharam ou nela tomaram parte.

Falou seguidamente o sr. Presidente da Junta de Paróquia, que se associou àquela merecida consagração, tendo igualmente enaltecido o zelo apostólico do homenageado.

A sessão, que marcou como um acontecimento raro, pelo extraordinário brilho de que se revestiu, terminou por entre vibrantes aclamações, deixando em toda a assistência perdurável impressão.

Notas várias

Naquele mesmo dia efectuou-se, numa das dependências da Ordem de S. Domingos, um almoço íntimo, a que assistiram os representantes das corporações religiosas e o homenageado e que decorreu num ambiente de muita familiaridade. O almoço foi primorosamente servido pela «Pensão Portugal», desta cidade. Na altura própria trocaram-se saudações e leram-se muitos telegramas e cartas recebidas.

Por iniciativa dos promotores daquela festa foi também melhorada, na mesma altura, a refeição dos internados da Instituição.

Como nota, singela mas emocionante, diremos que o sr. P.º Luís, na altura em que deu entrada na Ordem, para o almoço, foi carinhosamente recebido pelo pessoal e pelos internados da casa, que o cobriram de flores.

Durante o dia de domingo toda a freguesia de S. Paio conservou as suas casas embandeiradas, afirmando, desse modo, o grande júbilo por aquela celebração.

Associaram-se às homenagens prestadas ao Rev. P.º Luís Gonzaga, enviando cartas e telegramas, além de outras, as seguintes pessoas:

Festas e Arte

Continuação da 1.ª página

eram devidos ao labor dos vimaranenses.

Exposições foram úteis e oportunas noutras épocas e em diferentes condições das actuais; não o são agora; é sempre conveniente não nos

D. Domingos Gonçalves, Bispo da Guarda; P.º José Fernandes Ribeiro, João Eduardo Alves Lemos, de Estremoz; P.º Manuel Pinheiro Borda, de Fão; Francisco Leitão de Carvalho, do Porto; dr. Juiz Alberto Pita da Costa, da Póvoa de Lanhoso; Coronel Duarte do Amaral, dr. Carlos Saraiva, Almirante Sousa Ventura, Comendador Alberto Pimenta Machado, professor José de Pina, Rev. dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda; dr. Manuel José Ferreira da Costa, de Coimbra; Círiolo Amorim, de Braga; Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira, Alfredo Guimarães, Director do Museu Alberto Sampaio; Tomás Rocha dos Santos, P.º António Gomes de Freitas, de Taboado; D. Tereza de Jesus de Sousa Guise Pinheiro, José Maria Félix Pereira, Antão de Lencastre, D. Maria do Sacramento Castro Ferreira de Miranda, Américo Ferreira de Carvalho, João Gomes de Abreu Lima, D. Maria de Lourdes e D. Maria de Oliveira (Geraldo), Artur Fernandes de Freitas, Fernando Diogo H. Barbot Costa e esposa, do Porto; D. Maria de Fátima e Fernando Luís, do Porto; Manuel Paulino Ferreira Leite, Francisco da Costa Jorge, Famílias Campos e Matos, Família Guise Campos, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Rodrigo Pimenta, José Laranjeiro dos Reis, António da Silva Xavier, D. Alfredina Faria, Grupo Cénico 15 de Julho, Benjamim Pereira dos Santos, Manuel Leite, Abílio Costa, de Famacão; Amadeu da Costa Carvalho, P.º Manuel Lopes da Cruz, Director da Rádio Renascença, de Lisboa; D. Filomena de Jesus Capela, Guilherme Miller Guerra, de Vila-Flor e Alvaro Folhadela Marques, Pres. da C. M. de Famacão.

Durante o dia o Rev. P.º Luís recebeu os cumprimentos de muitas centenas de pessoas, não apenas seus paroquianos mas, a bem dizer, de todos os vimaranenses.

Além de todas as corporações religiosas da freguesia estiveram presentes outras instituições civis, como: Bombeiros Voluntários, Associação Artística Vimaranense, Sindicato Nacional dos Caixeiros, Vitória Sport Clube, Clube dos Caçadores de Guimarães, Escutas e ainda algumas instituições beneficentes da cidade, Colégios e a Academia Vimaranense com o seu estandarte, o Presidente da Junta de Paróquia, a Direcção da Sociedade Martins Sarmento, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia, os Comandantes da G. N. R. e da Legião Portuguesa e muitas individualidades em destaque no meio, compareceram nos actos solenes, associando-se desse modo à merecida consagração.

Após a sessão solene na S. M. S. foram expedidos, por sugestão da Comissão Promotora da Homenagem, sugestão essa que foi reforçada pelo orador da sessão sr. professor Mário Meneses, os seguintes telegramas:

Excelentíssimo Senhor Arcebispo Primaz

Excelência Reverendíssima: Todos Paroquianos freguesia S. Paio cidade Guimarães reunidos sessão pública homenagem seu querido Pároco motivo passagem suas Bodas Prata Paroquiais afirmam Vossa Excelência Reverendíssima seu grande apreço altas qualidades que exornam bondoso coração zeloso Pastor Reverendo Padre Luís Gonzaga da Fonseca. Beijo respeitadamente anel Vossa Excelência Reverendíssima. Presidente da Junta (Castro Ferreira).

Senhor Presidente do Conselho Lisboa

Excelência: Povo Freguesia S. Paio Guimarães reunido significativa homenagem seu querido Pároco motivo suas Bodas de Prata Paroquiais cumprimenta respeitosamente Vossa Excelência e pede seu valioso patrocínio conclusão obras Igreja referida freguesia iniciadas pelo Estado há 12 anos. Presidente da Junta (a) Castro Ferreira.

Senhor Ministro das Obras Públicas Lisboa

Excelência: Todos Paroquianos Freguesia S. Paio cidade de Guimarães reunidos sessão pública de homenagem seu Pároco passagem Bodas Prata Paroquiais reafirmam Vossa Excelência seu grande desejo conclusão obras restauração templo de S. Domingos sede esta Paróquia. Interpretando seu sentir peço generoso auxílio Vossa Excelência apresento respeitosos cumprimentos. Presidente da Junta (a) Castro Ferreira.

deixarmos preguiçosamente obcecar pela imitação ou repetição do que outros fizeram antes de nós e preferimos encarar o condicionalismo do momento procurando nele as bases de novas, mais belas e mais úteis concepções.

Necessita a Câmara de ponderar cuidadosamente a aplicação das receitas do município; temos a certeza de que está isso absolutamente na intenção de todos os seus membros; e, por isso que está, temos a certeza também de que não nos serão levadas a mal quaisquer observações que tendam, honesta e lealmente, a despertar a atenção para aspectos particulares de qualquer assunto que, considerado na sua generalidade, possa ser apreciado de maneira diferente daquela que realmente lhe convém. A exposição industrial em que se pensa, pelo dinheiro que vai custar e esforço que vai exigir, é um desses assuntos.

Aliás, ponderar cuidadosamente a aplicação do dinheiro do município deve ser sempre uma preocupação constante de quem o administra, tanto nas grandes como nas pequenas coisas.

Noticiaram agora os jornais que pagou a Câmara por uma imagem de marfim para o Museu Regional de Alberto Sampaio a quantia de 30 contos. A despesa ordinária anual com este museu, orçamentada para 1953, soma 35.500\$00. A verba extraordinária agora dispendida, só com essa imagem, eleva a despesa prevista quase para o dobro; e quantas verbas extraordinárias para mais imagens góticas ou policromadas, —naquele museu parece que tudo é gótico e policromado—, não virão ainda pesar no orçamento municipal, constando, como parece que já consta, a facilidade com que são atendidas ofertas desta natureza?

Tudo que contribua para a elevação da cultura vimaranense e para conservar os valores artísticos desta região merece o sacrifício financeiro do município, mas dentro dos limites possíveis e razoáveis, e observadas todas as cautelas para que os objectos adquiridos sejam autênticos e dignos de figurarem num museu de arte.

O nosso museu regional está legalmente sem direcção; ela terá de ser provida pelo Governo em pessoa de competência demonstrada em concurso de provas públicas e que tenha tirocinado durante 3 anos no Museu Nacional de Arte Antiga, se é que o Decreto n.º 20.985 de 7 de Março de 1952 ainda está em vigor. Entretanto que se não regularizar a situação de interinidade em que o museu se encontra, maior deve ser o cuidado da Câmara na aquisição das obras de arte que se lhe recomendem.

Não queremos apoucar os méritos e, sobretudo, a dedicação, esta perfeitamente demonstrada, de quem até agora tem estado à frente desse instituto de cultura regional; mas é de toda a conveniência que tão depressa uma nova direcção sobrevenha, se passem em revista todos os objectos expostos para que nós os leigos, que somos os que mais podemos aproveitar com a visita do museu, tenhamos a certeza de que admiramos verdadeiras obras de arte e não, porventura, habilidosas contrafacções ou artigos de bricabraque.

A boa fé dos críticos de arte profissionais ou diplomados algumas vezes é iludida; como mais fácil será enganar-se um simples amador, por maior que seja o seu instinto artístico!

Uma simples verba de 30 contos num orçamento municipal em que tantas necessidades estão por atender e

O Rotary Clube

comemorou a

Semana das Nações Unidas

Na sessão de quarta-feira do Rotary Clube, a que assistiram algumas senhoras, entre as quais a directora do nosso prezado colega de Fafe, «O Desforço», sr.ª D. Isaura Lusitana Pinto Basto e outros convidados, foi prestada homenagem, em conformidade com a determinação de Rotary Internacional, às Nações Unidas, tendo falado sobre o alto significado dessa consagração o sócio do Clube sr. dr. Alvaro Marinho.

J.º sessão presidiu o sr. dr. José Gonçalves, ladeado por algumas senhoras e pelo palestrante, assim como pelo sr. Aprígio Cunha Guimarães.

Depois de feita a saudação à bandeira nacional, o Presidente saudou todos os presentes e referiu-se ao significado da sessão, tendo depois usado da palavra para apresentarem as suas comunicações os srs. Armindo Diniz Corais, Leandro Martins Ribeiro, António de Sousa Lima, José Machado Teixeira e Aprígio da Cunha Guimarães. O expediente foi lido pelo secretário, sr. António Augusto Almeida Ferreira, que antecedeu a leitura de algumas considerações.

Finalmente foi concedida a palavra ao orador da noite, que apresentou um interessante trabalho, que dividiu nas seguintes partes: 1) Antecedentes das Nações Unidas; 2) Formação das Nações Unidas; 3) Obstáculos ao ideal proposto pelas Nações Unidas; 4) Algum do muito trabalho realizado já pelas Nações Unidas; 5) Considerações finais.

O orador analisou os objectivos das Nações Unidas e bordou ponderadas considerações acerca dos magnos problemas do momento. Ao terminar o seu valioso trabalho, que todos escutaram com vivo interesse e aplaudiram com entusiasmo, afirmou:

«O nosso Clube Rotário, ao prestar homenagem às N. U., apoia a ideologia das mesmas e contribui, desta maneira, para a resolução dos problemas que afligem a Humanidade, a qual aspira a Paz, Bem-estar e Felicidade.»

A censura habitual foi feita pelo sr. dr. José Gonçalves que, depois, ao encerrar a sessão, dirigiu palavras de apreço ao palestrante, a quem felicitou, e às senhoras, que muito brilho imprimiram àquela reunião.

A quete para o Fundo Paul Harris rendeu 315\$00.

outras mal providas, avulta bastante para que mereça o maior dos escrupulos na sua atribuição.

N. R.

Ao dar publicidade ao presente artigo do nosso ilustre Colaborador M. é dever nosso afirmar que, enquanto respeitamos a sua opinião e mereça até o nosso apoio, em parte, o que sugere para a celebração do Centenário da Cidade, somos de parecer contrário no que respeita à realização da Exposição Concelhia das nossas Indústrias.

Outros nossos Colaboradores têm tratado e continuam a tratar do mesmo assunto que se vem debatendo há longos meses. Dando publicidade a todos os pareceres e sugestões, tanto mais quando sejam apresentadas, como até aqui, por pessoas que nos merecem toda a estima e que sabemos que só desejam o engrandecimento desta desamparada Terra, julgamos estar a contribuir, leal e honestamente, para a resolução do assunto que se vem debatendo.

Por falta de espaço, não publicamos neste número, a «Peregrinação pelo Termo de Guimarães» e «Secção Charadística».

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Creia que foi com a maior satisfação que recebi a notícia de que algumas senhoras de Guimarães se encontravam na disposição — aliás muito simpática e muito altruista — de colaborar com a Comissão Municipal de Assistência, deste concelho, no sentido de se conseguir a construção de um Pavilhão para o internamento de doentes tuberculosos, junto do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia.

Escusado será dizer-lhe, minha Senhora, que o assunto em questão se torna digno, de facto, da protecção e do carinho de toda a gente, atendendo à sua finalidade e, portanto, ao significado de tão humanitária iniciativa, que não só elevará no conceito social a clarividência das pessoas que tomaram essa iniciativa, como ainda dignificará todas aquelas que lhes dispensarem a sua colaboração, seja qual for o meio porque o fizerem.

A doença da tuberculose, infelizmente em percentagem muito elevada, pertence ao número das que mais impressionam a nossa sensibilidade de seres humanos, quer pela sua gravidade, quer pela natureza do ambiente em que vivem esses doentes, sobretudo os que chegam a perder as esperanças de ficarem curados. Por esses motivos e por muitos outros que são do conhecimento de todos, eu entendo, minha Senhora, que tudo quanto se puder fazer em prol do combate à tuberculose nunca será de mais.

Pelo contrário, será sempre pouco tudo o que se fizer, se tivermos em consideração a expansão dessa doença, que não entra apenas nos lares onde há pobreza, mas também naquelas onde nada falta, desde a abundância da alimentação à manifesta existência dos mais destacados preceitos higiénicos. Trata-se, pois, de um mal que afecta todas as camadas sociais, embora, é claro, as mais humildes sejam as mais atingidas, por falta de meios materiais para a combaterem. Evidentemente, que V. Ex.ª não ignora a tragédia desse flagelo e, porque assim deve acontecer, estou convencido de que não deixará de aplaudir a feliz e oportuna ideia da construção de um Pavilhão, anexo ao Hospital da Misericórdia, para internamento e tratamento de tuberculosos. Igualmente convencido estou de que V. Ex.ª não negará o seu concurso a essa benemérita Cruzada da Caridade, se acaso lhe baterem à porta para esse fim.

Mas, pergunto: com que direito estou eu a perturbar a tranquilidade em que se deve encontrar, quando esta carta lhe chegar às mãos? Se lhe falasse em coisas alegres, como alegre será hoje o despertar de V. Ex.ª, ao lembrar-se de que não terá de aturar certos espíritos malignos, ainda vá; mas falar-lhe da terrível doença da tuberculose, acho que procederá muito bem se me proibir de lhe falar em assuntos tristes, visto que, como diz a cantiga, *«as tristezas o diabo que as leve...»*. Porém, minha Senhora, a minha intenção é boa e como as boas intenções têm sempre cabimento em qualquer parte e em qualquer oportunidade, considero-me absolvido perante a pessoa de V. Ex.ª. De resto, a situação de doente ou de são, de rico ou de pobre, de sábio ou de ignorante, de simpático ou de antipático, etc., etc., tudo isso depende do *«querer»* de Deus. E a este respeito, ofereço-lhe a leitura da seguinte quadra:

*«Uma mãe que o filho embala,
Todo o seu fim é chorar,
Só por não saber a sorte,
Que Deus tem para lhe dar!»*

E por hoje, minha Senhora, não me tornarei mais maçador, tanto mais que V. Ex.ª tem direito a não ser vítima das minhas *«maçadorias»*. Até breve.
Outubro de 1962.

Campeonato Nacional de Futebol

Vitória, 3 — Estoril, 0

O resultado não diz da superioridade do vencedor

Os grupos alinharam:

Vitória:—Silva; Matias, Cerqueira e Costa; Rebelo e José da Costa; Lara II, Lourenço, Caraça, Franklim e Nuno.

Estoril:—Sebastião; Negrita, Eloi e Horácio; Cassiano e Caldas; Frade, Ernâni, Mota, Franco e Cordeiro.

Arbitro:—Jaime Pires, de Lisboa.

Primeira parte: 1-0, aos 17 m., por Lourenço.

Segunda parte: 3-0, aos 26 e 30 m., por Caraça.

Entre o nosso representante —o Vitória— e o Estoril, disputou-se no transacto domingo novo jogo a contar para o Campeonato em curso, e no qual os vimezanenses conseguiram, mercê da sua maior capacidade, o primeiro triunfo. A vantagem de três tentos é, pelas oportunidades que os locais criaram, escassa para traduzir o que foi a insuficiência do adversário.

Na primeira fase, o desafio prendeu e teve a sua melhor parte emocional no equilíbrio de que o jogo se revestiu, proporcionado pela inaptidão da nossa turma perante a disposição táctica adoptada pelo antagonista.

Tal disposição, baseada na formação normal até ao sector mediano, com o concurso do jogador n.º 7 a actuar entre os médios laterais, visou o reforçar do referido sector, procurando assim, com maior regularidade, opôr-se aos nossos atacantes, e, pelo isolamento do referido jogador recuado, dar, neste caso, ao quarteto atacante maior colaboração. Contudo, a linha dianteira do Estoril foi verdadeiramente ineficaz, já pela acção dos nossos defesas, já por os elementos de que a mesma dispôs não darem o rendimento proporcional ao jogo que recebiam, impondo um labor para o qual só o ex-portuense Ernâni, pelo seu vigor e preparação técnica, tinha capacidade. Essa ineficácia resultará também do facto de na nossa defensiva um elemento não ter adversário e poder acorrer onde fosse conveniente a sua acção. No entanto, preferíamos que Costa tivesse marcado um adversário —Ernâni— em vez de marcar a sua zona, pois assim José da Costa poderia incluir-se mais no ataque, dando maior eficácia ao jogo.

Apesar desta vantagem oferecida ao antagonista, o Vitória foi o conjunto que mais agradavelmente actuou, exibindo um futebol prático, em que os extremos tiveram acção preponderante, sendo um difícil problema para a defesa visitante os muitos centros de Lara II, a ocasionarem alto desgaste pelas chamadas a que forçavam os defensores estorilistas. O único tento desta parte conseguiu-o, hábilmente, Lourenço, ao aproveitar um deslize do guarda-redes do grupo da Costa do Sol.

Na segunda parte o Estoril, procurando a igualdade do marcador, apresentou-se dentro da disposição do W.M. Mas não conseguiu dar ao espectáculo a contribuição da primeira fase, pois, como resultante do melhor conjunto e da mais forte vontade, foi subjugado pelo Vitória, que passou a comandar ininterruptamente a partida, criando formais oportunidades para a confirmação do triunfo, o que no entanto só sucedeu aos 26 m. em conclusão duma jogada entre Lara II e Franklim, finalizada esplendidamente por Caraça. Aos 30 m. o mesmo jogador alcançou o 3.º tento, após a marcação dum canto. Aos 35 m. Franklim recolheu o esférico penetrou veloz-

mente na grande área adversária, sendo irregularmente derrubado. O árbitro vendo o lance com clareza ordenou a marcação do castigo máximo. Costa, que em treinos conquistou, pela perfeita execução no concretizamento destes castigos, a indicação de o fazer em jogo, foi marcá-lo e falhou. A execução da penalidade por este jogador pode ser discutida mas nunca reprovada. A forma como o fez está nas suas características pessoais: energia, velocidade. O pontapé, forte, foi—e aqui esteve o erro—direito ao guarda-linha, que só teve tempo de defender o corpo num instintivo erguer de punhos, ficando a bola a saltar na frente da balisa. A recarga, fulminante, perdeu-se também na trave.

A vantagem resultante da marcação duma grande penalidade entre a maneira como procurou fazê-la o brioso capitão do onze vimezanense e a execução do castigo em pontapé seco e colocado, com as

Misericórdia de Guimarães

Transfusões de sangue

O Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães vai ter, dentro de pouco tempo, e completando os magníficos serviços de que já dispõe, um **Centro de transfusões de sangue**.

Este serviço, porém, só poderá funcionar graças à boa vontade, ao espírito compreensivo e ao superior sentido de solidariedade humana manifestados pelo sr. Prof. Ernesto de Moraes, da Faculdade de Medicina do Porto, que permitiu resolver rapidamente vários problemas de ordem técnica.

Contudo, estes problemas, que seriam de difícil solução sem a boa vontade daquele ilustre Professor, não são tudo, pois fica sem resolver outro problema, o do sangue, que, cremos bem, vai ter em Guimarães uma solução pronta e condigna, pois é por demais conhecido o proverbial bairrismo e o espírito de solidariedade que anima a boa gente desta terra.

Com efeito, um serviço destes, só poderá funcionar desde que haja sangue, e este, para uma casa de assistência como esta, não poderá ser comprado; terá de ser **doado**.

Na realidade, não há dinheiro que pague o sangue de cada um, mas quem o der deverá sentir uma profunda satisfação por poder contribuir, de uma maneira prática e eficiente, para consumir esse acto de benemerência, de entre todos o maior, e que está ao alcance de ricos e pobres:

Dar o sangue para salvar uma vida.

Por outro lado, todo aquele que der o seu sangue, além da satisfação que lhe advier da prática de um acto tão nobre, gozará, *ipso facto*, do enorme prazer de ser perfeitamente saudável.

Com efeito, quem se oferecer para dar o sangue terá de ser submetido, periodicamente, a um exame geral que permitirá ajuizar do seu grau de robustez e de saúde.

E quem for considerado em condições poderá dá-lo generosamente sem que para a sua saúde advenha o mais pequeno prejuízo.

Nestas condições, quem quiser colaborar nesta simpática cruzada de Caridade Cristã, poderá dirigir-se ao Analista do Hospital, a fim de ser devidamente estudado.

Ninguém duvidará de que este apelo será devidamente compreendido pela nobre gente de Guimarães, cuja moral assenta nos sólidos e basilares princípios da ética cristã. Agradecemos, portanto, com grande satisfação mais este empreendimento em prol do progresso da nossa Misericórdia que, segura em boas mãos, continua a prosperar.

dificuldades que tal execução contém, ainda não foi definida pelos técnicos. Para nós, talvez que a preferência se manifeste a favor da forma como Costa procedeu, por ser de mais fácil execução e de verdadeira impossibilidade de defesa quando não vá direito ao guarda-linha.

O Vitória ainda que comandasse e desse ao jogo bom desenvolvimento, demonstrou não ter alcançado ainda o esplêndido fundo de energias de que a equipe fazia gala na passada época.

No Estoril, situaram-se em grande plano Elói e Sebastião, seguindo-se-lhes Ernâni e Cassiano. A equipe não agradou, pois a par de denunciar má preparação, entregou-se demasiado cedo na 2.ª parte.

No Vitória toda a defesa jogou eficientemente, estando este sector em boa forma. Merece contudo realce a acção de ardoroso Matias, no segundo tempo, pela eficácia com que colaborou com os sectores da frente. Os médios Rebelo e José da Costa, actuaram atrasados, o que os levou a não oferecer ao ataque a colaboração que, pelo menos um, deve permanentemente dar-lhe. Na frente, Lourenço esteve bastante apagado; Franklim, fez um bom jogo, chegando a actuação brilhante nos últimos 30 m., em que deu à equipe o ritmo que lhe tem faltado na orientação das jogadas. Nuno, adaptou-se bem ao seu novo posto, ainda que em dificuldades quando a rematar com o pé esquerdo. Caraça travou com Elói uma luta interessante, saindo, pela obtenção de dois tentos, vitorioso. O novo extremo direito do Vitória, Lara II, que pela primeira vez no nosso grupo vimos jogar, impressionou bem, pois possui boa compleição física, notável facilidade de pontapé, habilidade e procura o esférico afinadamente, requisitos estes que o podem levar a um rendimento de que muito poderá beneficiar o nosso conjunto.

Arbitragem segura e certa do sr. Jaime Pires, de Lisboa.

Herländer.

ciante, morador na cidade do Porto, à rua do Freixo, nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

Primeiro
A sociedade adopta a firma Pinto Martins & Companhia, Limitada, tendo a sua sede na Praça da República, números oitenta e um, oitenta e dois e oitenta e três da vila de Vizela, concelho de Guimarães.

Segundo
O seu objecto é a exploração do comércio de sucatas que no mesmo local tem sido exercido individualmente pelo sócio Domingos Pinto Martins, ou de qualquer outro em que os sócios acordem, menos o bancário.

Terceiro
A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo, para todos os efeitos legais, a partir de seis do corrente mês.

Quarto
O capital social é de seis mil escudos constituído por duas quotas, sendo uma de cinco mil escudos do sócio Albino Pinto Martins, representada em dinheiro, e a outra de mil escudos do sócio Domingos Pinto Martins, representada pela entrada para a sociedade do seu estabelecimento de sucata que tem sido explorado no prédio *agora* da sociedade, digo *agora* sede da sociedade, as quais se encontram integralmente realizadas.

Quinto
Não é permitida a cessão de quotas a estranhos sem o acordo de ambos os sócios.

Sexto
A sociedade será representada em juízo e fora dele pelos dois sócios, activa e passivamente, pertencendo a gerência a ambos.

Sétimo
Para obrigar a sociedade serão necessárias as assinaturas dos dois sócios.

Oitavo
Os lucros serão distribuídos, depois de deduzidos cinco por cento para fundo de reserva, por ambos os sócios, na proporção das suas quotas.

Nono
Em todo o omissão regularão as disposições legais e o que for deliberado em assembleia geral.

Secretaria Notarial de Guimarães, aos 30 de Outubro de 1952.

O Notário,

a) **Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.**

Pinto Martins & C.ª Limitada

com sede na Praça da República, 81 a 83 da Vila de Vizela
GUIMARAES

Faz-se público que, por escritura de 17 de Outubro de 1952, lavrada por mim notário na Secretaria Notarial da cidade e concelho de Guimarães, no meu livro de notas n.º 460 a folhas 80 verso, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada entre Albino Pinto Martins, casado, comerciante, morador na Vila de Vizela, deste concelho e Domingos Pinto Martins, casado, comer-

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 25 de Outubro, o nosso amigo sr. Belmiro Saraiva Jordão; no dia 3, a sr.ª dr.ª D. Albertina Pereira Mendes Fernandes, esposa do nosso prezado amigo sr. cap. Francisco Martins Fernandes, e o nosso bom amigo sr. José Alves de Sousa; no dia 4, os também nossos prezados amigos srs. António Almeida, P.ª António Costa Pereira Guimarães e Camilo Laranjeiro dos Reis; no dia 5, a sr.ª D. Alzira Teixeira e os nossos bons amigos srs. eng.ª José Manuel da Silva Carvalho, José Soares Moreira Guimarães e Herculano de Matos; no dia 6, os nossos amigos srs. Júlio Gomes dos Santos e Francisco de Assis Pereira Dantas e a sr.ª D. Francelina da Silva Fernandes Costa, esposa do nosso amigo sr. Camilo Nogueira da Costa; no dia 7, os nossos prezados amigos srs. Manuel Pereira Mendes e Alberto Vaz da Mota Vieira e a sr.ª D. Margarida Lobo de Sousa Machado Neves Pereira; no dia 8, os nossos bons amigos srs. Amadeu José de Carvalho e Edmundo

Com sua família regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. Gaspar Gonçalves Coelho.

Do Arco de Baulhe partiu, com sua família, para Moura, onde é Agente do Banco de Portugal, o nosso prezado amigo sr. Mário de Barros Ferreira.

Esteve no domingo nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Dr. António Baptista Felgueiras, Presidente da Câmara Municipal, de Monção.

Esteve nesta cidade, no domingo, o nosso amigo sr. J. Gaspar, do Porto.

De Briteiros regressou à sua casa de Paçó-Vieira o nosso prezado amigo sr. Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira.

Com sua esposa regressou da Povoia de Varzim o nosso prezado amigo sr. dr. Francisco Pereira Zagalo, Conservador do Registo Civil.

Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. João Teixeira, Manuel Paulino Ferreira Leite e Albano M. Coelho de Lima.

Partiram em digressão para o estrangeiro os nossos amigos srs. Francisco Ramos Martins Fernandes, Fernando António Martins Fernandes, António Jacinto, Alberto de Freitas Saraiva, António Vaz Vieira, Francisco Vaz da Costa Marques e Damião da Silva.

Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo Eng.º sr. Alberto Costa.

Pedido de casamento

O nosso prezado amigo sr. António Silva e sua esposa a sr.ª D. Maria do Céu Mendes Silva pediram ontem em casamento para seu filho o Engenheiro sr. António José Mendes da Silva, a mão da gentil vimezanense sr.ª D. Maria Matilde Teixeira Mendes Fernandes, filha do nosso prezado amigo sr. Casimiro Martins Fernandes e de sua esposa a sr.ª D. Maria Teixeira Martins Fernandes, devendo realizar-se em breve o auspicioso enlace. Aos noivos desejamos as melhores venturas.

Doentes

Tem passado bastante doente o nosso prezado amigo sr. Albano de Castro Martins, de Vinhas (Vizela). Desejamos as suas melhoras.

Falec. e Sufrágios

Trasladação

Na Capela do Cemitério de Atouguia foram celebrados sufrágios, na quarta-feira, por alma da sr.ª D. Amélia de Oliveira Fernandes Ferreira das Neves, saudosa esposa do sr. João Ferreira das Neves, tendo sido resada missa e cantado o *Libera-me* pelas internadas do Asilo de Santa Estefânia. Em seguida procedeu-se à trasladação dos restos mortais da extinta, para jazigo de família naquele cemitério, tendo assistido à inumação a família entulada e pessoas das suas relações, assim como o pessoal da empresa João Ferreira das Neves & F.ª.

De luto

Pelo falecimento de sua sogra, ocorrido há dias em Braga, guarda luto o nosso prezado amigo sr. Martinho Gonçalves de Moura, residente na mesma cidade, a quem apresentamos, assim como a sua esposa, as nossas condolências.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato, Telef. 4250.

Hermes Ribeiro: no dia 9, o menino José Ribeiro Portilha, filho do nosso amigo sr. Amadeu Portilha e o nosso prezado amigo sr. Domingos Leite de Castro.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 5 completa 3 primaveras a menina Maria Clotilde, filha do nosso amigo sr. eng.º Helder Rocha e da sr.ª dr.ª D. Maria Júlia Limpo Trigueiros Rocha. Parabéns.

No dia 8 completa também 3 primaveras o menino Alfredo, filho do sr. António Fernandes e neto do nosso amigo, industrial, sr. Simão António Fernandes. Parabéns.

Gaspar Lopes Merlins

No próximo dia 4 passa o aniversário natalício deste nosso querido conterrâneo e amigo, vimezanense que tem vivido longe da sua Terra e da Pátria, a que tanto quer em dedicação, mas que há pouco mais de um ano se encontra entre nós, onde conta inúmeras amizades.

Felicitando-o sinceramente e abraçando-o, desejamos que aquela data se repita por longos anos.

Partidas e chegadas

Directora de «O Desforço» — Deu-nos o prazer da sua visita, o que muito nos honrou, a nossa ilustre colega, directora de «O Desforço» de Fafe, sr.ª D. Isaura Lusitana Pinto Basto.

Com sua família regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. Gaspar Gonçalves Coelho.

Do Arco de Baulhe partiu, com sua família, para Moura, onde é Agente do Banco de Portugal, o nosso prezado amigo sr. Mário de Barros Ferreira.

Esteve no domingo nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Dr. António Baptista Felgueiras, Presidente da Câmara Municipal, de Monção.

Esteve nesta cidade, no domingo, o nosso amigo sr. J. Gaspar, do Porto.

De Briteiros regressou à sua casa de Paçó-Vieira o nosso prezado amigo sr. Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira.

Com sua esposa regressou da Povoia de Varzim o nosso prezado amigo sr. dr. Francisco Pereira Zagalo, Conservador do Registo Civil.

Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. João Teixeira, Manuel Paulino Ferreira Leite e Albano M. Coelho de Lima.

Partiram em digressão para o estrangeiro os nossos amigos srs. Francisco Ramos Martins Fernandes, Fernando António Martins Fernandes, António Jacinto, Alberto de Freitas Saraiva, António Vaz Vieira, Francisco Vaz da Costa Marques e Damião da Silva.

Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo Eng.º sr. Alberto Costa.

MEIOS RURAIS E MEIOS URBANOS

O professor da aldeia — um sacrificado

Quer nos meios rurais, quer nos urbanos, tem o professor primário uma nobre e complexa missão a desempenhar: o desenvolvimento moral, religioso, intelectual e, até mesmo, físico daqueles que o Estado confiou aos seus cuidados. E', porém, muito mais delicada e trabalhosa a missão do professor na aldeia. Aqui não tem apenas de educar as crianças que lhe são confiadas; para que tudo corra bem, necessita, da mesma forma, de voltar os olhos para os pais e parentes dos seus alunos, a quem necessita igualmente de «dar lições» — passe a expressão — bem custosas e pacientes lições, pelas quais, subtilmente, consiga educar os conceitos, a maior parte das vezes despidos de qualquer lógica, formados por eles acerca de educação e processos de a ministrar.

E' também sabido que o atraso de desenvoltura verbal e intelectual é, incomparavelmente, mais pronunciado numa criança aldeã do que noutra que esteja habituada a viver na cidade, sedimentada já numa expressão oral bastante correcta, apreendida no seio das respectivas famílias, em regra instruídas.

Eu admiro, sim, o professor da aldeia que vence, ao cabo de luta varonil com tudo e com todos: com a linguagem deficientíssima dos meios rurais; com as sugestões impositivas de certos «senhores» ignorantes, que se destacam, não pelo seu saber ou probidade, mas simplesmente porque são mais atrevidos, ou porque os seus conterrâneos ainda são mais ignorantes que eles! Vem-me, muito a propósito, à mente aquele tão conhecido e acertado dito popular: «Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei». Assim, esses indivíduos metedidos, quais privilegiados seres monóculos (pois se eles já sabem rabiscar o nome!...) aparecidos entre cegos, entre os seus camaradas mais rudes e analfabetos, desejam também vincar autoridade dentro da escola, chegando mesmo ao cúmulo de se regalarem a criticar na taberna (clubê dos grandes da terra) a acção docente do professor!...

Se repararmos que ao professor da aldeia tudo falta — uma habitação condigna onde dê gosto viver, meios de comunicação que o ponham em contacto com a civilização, um mínimo de conforto a que, naturalmente, está habituado — mais se radicará em nós a convicção de que esse professor é um sacrificado.

Sabido como o Estado confia na campanha contra o analfabetismo, de que são esforçados obreiros os agentes de ensino (professores e regentes), seria justo olhar para a *miséria* — é o termo — material, moral e social, em que vivem os mestres-escola de algumas aldeias mais afastadas das respectivas sedes, sem dispor sequer de estradas transitáveis. Uma casinha confortável e limpa, de construção barata, anexa à escola, seria um passo dado em benefício dum melhor bem-estar do agente de ensino, que aí consome todas as suas energias e que, forçado a habitar em qualquer sítio como o mais infimo dos aldeões, perde em prestígio e autoridade o que lhe sobeja em sacrifício. Seria útil que as Câmaras de cada concelho lançassem um inquérito sobre as condições em que vivem os agentes de ensino nas aldeias. E, verificada a situação ofensiva à autoridade e prestígio em que alguns se vêem forçados a viver, fosse mandado construir, nessas terras em que a falta de habitação confortável e higiénica mais se fizesse notar, um salão, interiormente dividido. Assim, sem que as Câmaras se vissem forçadas a grande dispêndio, se realizaria uma obra de imenso alcance social. Lucraria o professor e lucraria o Estado, que veria a sua resolução compensada num maior rendimento escolar (consequentemente numa mais rápida luta ao analfabetismo) e em prestígio e consideração pelos seus esforçados servidores.

Oxalá o meu clamor, em prol do que reputo como justo e necessário, encontre eco em *alguém* que possa e queira dar solução ao caso.

JAIME DIAS.

Anuncio no NOTÍCIAS DE GUIMARAES

AGRADECIMENTO

As Corporações Religiosas da Freguesia de S. Paio desta cidade cumprem o dever de agradecer publicamente e profundamente reconhecidas, a todos os paroquianos, à Junta da Freguesia, às Corporações Cívicas, ao Clero e até aos vimaranenses que se associaram às homenagens prestadas ao Reverendo Pároco Senhor Padre Luís Gonzaga da Fonseca, toda a valiosa colaboração que lhes dispensaram e o brilho que, com a sua presença aos actos solenes, imprimiram à justa consagração que vêm de prestar ao prestigioso sacerdote.

Guimarães, 27 de Outubro de 1952.

Notícias de Guimarães n.º 1005 — 2-11-1952



COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

Por este meio se faz público que no dia 5 de Novembro próximo, pelas 15 horas, no lugar da Barroca, freguesia de Ronfe, concelho de Guimarães, serão postos em praça os bens móveis apreendidos para a massa falida de Luís Alvares da Silva, os quais constam do seguinte:

Oito teares mecânicos com o respectivo alvará de licença, uma encarretadeira dupla me-

cânica, uma urdideira mecânica, três teares manuais de madeira, desmontados, duas linhas de eixo, um motor eléctrico de 10 H. P., diversos utensílios próprios da indústria de tecidos e um lote de 20 peças de riscado camiseiro de 0,70 de largo.

Guimarães, 24 de Outubro de 1952.

O Administrador da falência,

Artur Fernandes de Freitas.

Verifiquei

O Sindico de falências, 421

E. Mascarenhas.

Tipografia IDEAL

Execução perfeita de todos os trabalhos

Rua da Rainha, 56

Dos Livros Teatro Jordão

HOJE, P'S 15 E 21 HORAS

APRESENTA

Dois nomes de fama mundial reunidos num filme brutal e arrebatador!

O CORREIO DO INFERNO

Tyrone Power e Susan Hayward
A meio caminho entre o amor e a morte, sob o domínio de bandidos que ante nada recuam!

TERÇA-FEIRA, 4 -- P'S 21 HORAS

Uma aventura misteriosa vivida na capital do Japão, pouco depois de terminada a guerra mundial!

O Inferno de Tóquio

Humphrey Bogart
e Florence Marly

A cada passo surgiu uma ameaça... a cada esquina, uma traição.

QUINTA-FEIRA, 6 -- P'S 21 HORAS

O conflito entre a educação moderna e as liberdades excessivas!

LIBERDADE PERIGOSA

com Joan Evans

A verdade nua e crua... sobre uma rapariga de temperamento irrequieto!

SÁBADO, 8 -- P'S 21 HORAS

422 Em Sessão Popular

AGENTE SECRETO

CURIOSIDADES

Continuamos a manter esta secção com certos episódios que são, na verdade, autênticas curiosidades. Para hoje, oferecemos aos nossos prezados leitores a notícia abaixo transcrita e comentada ao paladar de quem a importou dos Estados do Sul da América do Norte:

«CAVALHEIRISMO

O espírito cavalheiresco vai renascer nos Estados do Sul da América do Norte segundo notícias de Atlanta, na Geórgia.

A informação acrescenta que os tribunais aprovaram os estatutos da «Ordem dos Cavaleiros do Sul», entre cujos objectos figura o de «conseguir que os homens recuperem o hábito de ceder os lugares sentados às senhoras nos transportes colectivos e se descubram em ascensores quando em sua companhia».

Achamos muito bem; e só é de desejar que tanta gentileza se torne em hábito generalizado. Mas é preciso que as respeitáveis madamas correspondam a tais delicadezas, ao menos com um simples agradecimento, quando lhe oferecermos o lugar no «eléctrico». Por julgarem elas ser isso obrigação nossa, acontece que a deferência se reserva para senhoras de idade venerável — precisamente para lhe tirar o sentido de galanteio, ao qual as jovens logo associam o gesto mais elementar de cortesia.

Por nossa parte, apenas temos a acrescentar, em matéria de comentários, o seguinte:

Concordamos, como, aliás, sempre o fizemos, com a preferência a que se refere a notícia em questão, mas discordamos dessa preferência ser imposta por uma Lei, tanto mais que nem todas as damas nos poderão merecer essa deferência. E a este respeito, nada mais.

CARACOL.

TERRAS DE PORTUGAL

... Sr. Director do «Notícias de GUIMARAES»

Tendo aparecido, em Viana do Castelo, e possivelmente em outras localidades, os srs. Armando Vieira e Armando Carneiro — este último intitulando-se doutor, como já se tem intitulado marquês, usando para tanto um anel brasonado — dizendo-se colaborador de publicidade e director da «Colecção Terras de Portugal», agora edição da Acção Nacional, do Porto, rogamos a V. ... o especial favor de publicar no vosso jornal que:

O título «Terras de Portugal» está registado segundo os termos da Lei, para toda a publicação de carácter turístico e regionalista, com redacção e administração na cidade de Braga, e nada tem com aqueles srs. que nunca ali colaboraram, fosse sob que pretexto fosse.

O proprietário de «Terras de Portugal» declina, pois, qualquer responsabilidade, no tocante à acção desses cavalheiros, que abusam do nome acreditado há largos anos daquela publicação e aproveita a oportunidade para lembrar que a publicidade solicitada nunca, sob protesto algum, é paga antes de publicada.

CASA

Oliveira & Silva, Sucrs.

TELF., 4414

TOURAL

Apresenta as mais recentes novidades

Fazendas de lã para Casacos,
Vestidos e Tailleurs.

Alfaiataria com fazendas

RIBEIRO & FILHO

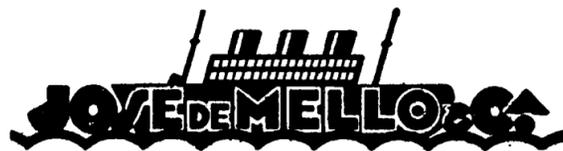
Participamos aos nossos Ex.^{mos}

Clientes que recebemos já os artigos para a Estação de Inverno.

PREÇOS SEMPRE OS MAIS LIMITADOS DA PRAÇA

Agentes Transitarios e Camionistas

Entregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos

(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

14

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Ofertas e Procuras

Máquinas «Singer»

Modelo Industrial. Para cravadeira ou alfaiate.
Rua Marechal Gomes da Costa, 19 — FAFE. 369

IRENE RODRIGUES

(Modista)

Especializada em corte de casas e tailleurs.
Rua Conde Arnoso, 5-1.º-D. Bairro das C. de Prev. — Guimarães.

Quinta — Vende-se

Do Assento ou Matamá, freguesia de Vila Nova de Infantas. Paga de renda 6 carros. Recebe propostas e informa: Eduardo Santos — Toural — Guimarães. 375

VENDEM-SE

Duas coutadas de mato com pinheiros e eucaliptos, situadas na freguesia de Gonça, deste concelho.

Tratar com o advogado Dr. Pinto dos Santos — escritório Rua de António, desta cidade.

CASA — aluga-se

Na Rua do Conde D. Henrique, n.º 11, com bom quintal.

Tratar com a proprietária no lugar de Reguengo, freguesia de S. Romão de Mesão-Frio — Guimarães. 379

LOJA, ALUGA-SE

Aluga-se uma loja que serve para vários fins, inclusive Armazém de Betem, no Largo dos Laranjais, perto do quartel da Legião. Quem pretender é dirigir-se a António da Silva Carvalho, na Travessa do Picoto, n.º 23, desta cidade. 405

VENDEM-SE

1 fogão para lenha e carvão n.º 1 da fábrica «ALBA», com pernas baixas, e 2 metros de chaminé; 1 Rádio marca «Novak»; 1 Espingarda 14 mm. marca «Liègeoise». Tudo em estado de novo. Nesta redacção se diz. 413

VIDEIRAS

As melhores de entre as melhores, Corriola e Teleki 5 BB para enxertia alta, e Cordifolia 4446/144 para terrenos muito ásperos; magníficas oliveiras da variedade galega e eucaliptos glóbulos em vaso, vende o viveiro dos Moinhos Novos — Casa Cirilo, telefone, 77215 — PÓVOA DE LANHOSO. 414

Quando se fala em Impermeáveis

FALA-SE NESTA MARCA



Os melhores Impermeáveis

EXCLUSIVO de

A IMPERIAL

Rua de Santo António, 32-34

Tel., 40157

GUIMARAES

Anuncio no Notícias de Guimarães